

Editorial

Já há muito que a academia brasileira vem produzindo em grande quantidade e com boa qualidade estudos críticos sobre as literaturas africanas em língua portuguesa, registrando, nas matrizes curriculares dos cursos de Letras, a presença de disciplinas, obrigatórias e, quando não, eletivas ou optativas, que contemplam, de maneira geral, as manifestações literárias de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Em muitas universidades do país, há Programas de Pós-Graduação seja com linhas de pesquisa, áreas de concentração, subáreas, especialidades, seja com projetos que têm por foco a poesia, a narrativa ou a dramaturgia desses Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. E muitos são os centros de pesquisa que se orientam para os estudos das literaturas africanas.

4

Tal cenário tem ganhado maior dimensão após a promulgação da Lei Federal 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileiras e africanas em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Assim, um pulular de eventos artísticos, culturais e científicos, bem como publicações de anais, de livros e de revistas, vem marcando o cenário nacional com um efervescer de produções que iluminam aspectos da história e do cotidiano de países da África de língua portuguesa e de suas diferentes relações com facetas da realidade local africana ou brasileira, produto de um amálgama de que fazem

parte os povos africanos vindos apilhados nos porões dos navios negreiros, em tráfico escravagista, para ocupar de gente e cumprir o trabalho pesado e animalesco, nesta imensidão continental de terra americana, em uma representação dantesca de genocídio étnico.

Nesse torvelinho de reflexões acerca das literaturas de África expressas em língua portuguesa, os números 25 (2014/1) e 26 (2014/2) da *Contexto*, revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, tiveram seus dossiês dedicados àquelas literaturas. O número 25 privilegiou em Dossiê a poesia contemporânea nos países africanos de língua portuguesa e contou com sete artigos que compuseram a seção, além de outros quatro que integraram a seção Clipe, de temática livre. Este número 26 privilegia no Dossiê a narrativa contemporânea desses países e conta, igualmente, com sete artigos que compõem a seção, e mais cinco que integram o Clipe.

Dos sete artigos que fazem parte do Dossiê, cinco têm por objeto a literatura moçambicana, dedicando-se às narrativas de Mia Couto, Paulina Chiziane e à literatura infanto-juvenil de Machado da Graça; um, a angolana, tendo por objeto a ficção de Pepetela, e os demais, a guineense, focalizando a obra de Abdulai Sila. Os artigos do Dossiê são assinados por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade de Brasília (UnB), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e do Centro Universitário Geraldo Di Biase (UGB).

Com o arejamento de uma seção livre, o Clipe completa o número com trabalhos de orientação comparatista, percursos por manifestações da lírica galego-portuguesa, passeios com D. Quixote, visitas ao indianismo e a outros tantos “ismos” coirmanados, encontros literários na Latino América, mergulhos na poesia do recifense Solano Trindade. Os artigos do Clipe são de autoria de pesquisadores da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa),

da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e da própria Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Reunindo este conjunto de artigos nas duas seções, pode-se afirmar que este número da revista representa diferentes cantões de todo o país.

Os editores

Amarino Oliveira de Queiroz
Flávio Garcia
Jurema Oliveira